

UM PASSO DE 343 QUILÔ- METROS E QUASE 7 HORAS

Ivo Espínola Estigarribia

35

BOLETIM KULTRUN



343 KM

"Um passo de 343 quilômetros e quase 7 horas", Ivo Espínola Estigarribia

Vol. 5, Nº 2 - Dezembro de 2023 || ISSN 2763-5066

Lembro que tinha sido um processo super longo, de ler editais mesmo sem entender a maioria das palavras e até outras coisas, como decidir se realmente estava preparado para dar esse grande passo. Um passo de 343 quilômetros e quase 7 horas, ou 5, se for de carro. Naquela época eu morava na casa dos meus tios, tinha sido um jovem rebelde insatisfeito e ansioso por conhecer novos lugares, sentir novos ares no meu rosto, escutar outras vozes.

Eu nasci em Asunción, Asu pros amigos. Ela sempre teve essa natureza caótica, desde o clima que, se fosse uma pessoa, acho que seria alguém com um humor muito oscilante. Foz do Iguaçu também tem muito disso e às vezes é bastante irritante, tipo hoje que vim de saia para UNILA porque tava calor, mas logo em seguida o céu ficou cinza do nada, o vento levantou a minha saia que nem Marilyn Monroe o caminho todo. Que ódio, gente.

Eu até era considerado popular na minha cidade, tinha uma carreira artística boa, uns amigos legais, mas ainda estava procurando alguma coisa. Morava no centro, aqui em Foz também estou morando no centro. Suponho que o meu lugar no mundo é no centro de alguma cidade, onde habitam vários estímulos, onde os motores dos carros rugem e se misturam com o trinar de pássaros que não consigo nomear.

Mesmo sabendo que foi preciso uma enormidade de acontecimentos para eu chegar até aqui: Brasil; Foz de Iguaçu; bairro centro; rua Jorge Sanwais 440; apartamento 01; entre a panificadora Roma e o Hotel Tarobá Express, aquele amarelo. Para mim, eu simplesmente brotei na Ponte da Amizade, olhando aquela ilha supostamente cheia de cobras venenosas, olhando aquela água turquesa do bravo rio Paraná, olhando para a tela toda trincada do meu telefone. 07:18 antes do meridiano, e essa hora ficou estampada na minha memória. 07:18, eu virei sulista. 23 de fevereiro, pouco mais de quatro anos atrás, segundo o nosso calendário gregoriano, eu me encontrava subindo uma ladeira com uma mala rosa que tinha a minha vida toda: um monte de roupa velha, livros, e o Camo, meu ursinho de pelúcia. Agora que estou escrevendo isto, dou uma olhadinha aqui no meu quarto e sei que eu mudei de vida porque nada do que estava dentro dessa mala, lá em 2019, está comigo aqui no meu quarto. Apenas o Camo, que é uma constante na minha existência, desde o primeiro ano de vida. Cheguei naquela casa, no Jardim Marissa, e morei lá esse ano inteiro. Nos primeiros dias eu preferi ficar no meu quarto digerindo tudo. Casa nova, país novo, comida nova, língua nova, mas nenhum amigo novo, apenas o fiel Camo.

Eu tinha vindo para fazer o curso de Cinema na UNILA, uma universidade que fica no norte da cidade, rodeada de milho e outras plantações. As aulas iniciaram mais rápido do que eu imaginei. E eu tentei compreender tudo, mesmo tendo um vocabulário básico que se limitava às letras de canções como "Ai se Eu Te Pego" de Michel Teló e "Meu Namorado É Maior Otário" da MC Carol. Tinha problemas com algumas palavras, tinha problemas com muitas frases. Depois de eu perceber que podia responder praticamente tudo dizendo "pois é" e "boto fé" que minha vida começou melhorar. Conheci algumas pessoas, a interação era modesta, mas eu me sentia num círculo onde errar era bonito e compartilhar experiências no intervalo

das aulas era a base de um bom diálogo.

Eu, que tinha saído da comodidade que representava o espaço que chamava de meu lá em Asunción, tinha jurado para quem estava formando parte do processo de vinda ao Brasil, que iria me formar sem falar uma palavra em português. A pessoa que habitava este corpo, nesse momento, realmente acreditava nessa ideia ridícula. Chegar, pisar o chão do campus do Jardim Universitário falando um confiado "hola, buenos días" e sair daquele auditório lotado com um diploma e o sentimento de orgulho gritando eloquente "Chau, Hasta luego, Foz". O Brasil teve outro plano para mim, Foz do Iguaçu e os seus cidadãos tiveram outro plano para mim, até o motorista da linha 10, Cidade Nova, teve outro plano para mim. E esse plano ficou nítido no exato momento que eu perguntei com o meu sotaque de asunceño "¿esto pasa por la UNILA?" e o coitado mal soube responder. Como iria realizar aquele meu sonho de formatura, se nem sequer conseguia chegar até a faculdade?

O palavras no vocabulário, você é um desconhecido. De 400 a 500 palavras, você está se familiarizando com o português. Com esse nível você deve conseguir entender algumas coisas ditas brasileiras com muita calma. De 800 a 1000 palavras, você estaria num nível básico, sendo capaz de se comunicar para a moça do café, com certa dificuldade, que está com vontade de comer pão de queijo. Você deve também ser capaz de começar a ler alguns textos de jornais e artigos acadêmicos com o auxílio de um dicionário. De 1500 a 2000 palavras. Nível intermediário de vocabulário. Com esse nível, você deve conseguir lidar com as conversas do dia-a-dia, ainda que com um vocabulário limitado, mas, infelizmente, não dá para assistir nem sequer a primeira temporada do "BBB" com esse nível. De 3000 a 4000 palavras, provavelmente você já leu suficientes jornais e artigos acadêmicos. Nesse nível avançado, você deve ser capaz de manter conversas fluentes e discutir assuntos mais complexos como, por exemplo, os memes sobre Bolsonaro e Lula. 8000 palavras é mais do que qualquer pessoa precisa saber. Descanse. Assiste "Macunaíma" de Andrade ou escute a Xuxa cantar "Ilariê".

Desde que dei aquele primeiro passo se passaram mais ou menos 1640 dias, ainda não sei quantas palavras tenho no meu acervo pessoal, mas consigo perguntar pro motorista do ônibus se ele está indo para a UNILA ou para a Ponte da Amizade e isso tem sido bastante útil.

O dicionário do meu telefone tem uma crise de identidade e, muitas vezes, não sabe se corrige em português ou em espanhol. Esses dois idiomas terminaram misturando-se e hoje em dia parecem um só, como se realmente fossem o mesmo. Sempre que volto para minha cidade para visitar família e amigos, sou acusado de usar léxico estrangeiro, me acusam de ter esquecido a sopa paraguaia e a chipa, do sabor do milho fresco e o amido do mbeju. Me acusam de ter trocado o gélido tereré, pelo chá mate e as segundas de vori-vori por um prato de arroz e feijão. Mas não se trata disso, não se trata de esquecer, de trocar um pelo outro, mas de se apropriar de ambas culturas, de incorporar esses novos sabores, de conhecer novas cosmovisões, novas cores. Língua, mais do que passar conhecimento e gerar conversações, é cultura viva. Língua também trata-se de contar histórias sobre

uma noite de bebida pros colegas, de improvisar uma piada boba num momento incômodo.

Ser um asunceno morando no interior do Estado do Paraná trata-se de viver uma dualidade onde às vezes é "bem-te-vi" e outras "pitogüé". Essa vida torna-te um viajante, uma ambiguidade, torna-te portunhol. Um dançarino alegre que samba ao 6/8 da polca paraguaia.

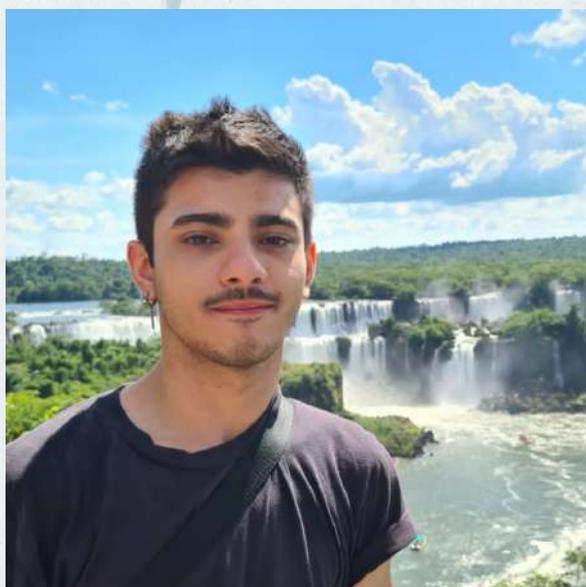
Faz muito tempo que eu percebi que não voltaria sendo o mesmo e tampouco pretendia voltar sendo o mesmo. Aliás, teria sido mais do que catastrófico voltar pros meus pais e olhar pros meus irmãos com os mesmo olhos ou relatar para eles meus dias aqui na cidade com as mesmas palavras. De fato, o sujeito que habita este corpo não é mesma pessoa que ia pro microcentro de Asunción, para a praça do Panteón de los Heroes, esperando encontrar as mesmas pessoas, beber fanta laranja gelada com vinho uvita ou fumar um cigarro barato que um desconhecido comprou no Biggies por 2.500 guaranis. Essa pessoa era apenas o Ivo capitalino, nascido na cidade que foi levantada sobre sete colinas. Hoje, junto com ele também reside outro Ivo, uma pessoa diferente, o Ivo iguaçuense, que mora entre três países tão parecidos como diferentes, onde as pedras cantam.

Considero assustador como o tempo passa tão rápido. Era uma noite quente no terminal de ônibus de Asunción, tinha meu ticket de bordo firmemente seguro nas minhas mãos, tinha me despedido de todas e todos aqueles que dedicaram seu tempo a criar boas lembranças e outros momentos comigo. E agora, meio que do nada, estou quase me formando, no nono semestre de oito, escrevendo um texto sobre como o português infiltrou-se no meu cotidiano, sobre acordar todo dia, beber café quente feito em uma cafeteira italiana que ganhei de presente e me arrumar para ir para a faculdade. Olho pros meus colegas na aula de português e me pergunto como que está sendo para eles o mesmo processo, me pergunto se eles também acordam e bebem café, se eles ligam o televisor e assistem às notícias do dia, se eles param tudo na vida deles para escutar bossa nova ou se eles descem para rua para comprar um pão francês fresco para fazer na chapa.

Acho errado pensar que se vive apenas uma vez. Se vive todos os dias, apenas aquele suposto descanso eterno que é único. Considero importante dedicar uns minutos do dia a refletir sobre temas que merecem nossa atenção. O planeta terra demora exatamente 23 horas e 53 minutos em completar sua dança sempiterna com o sol, quantas pessoas novas conheci nesse lapso? Quantas palavras novas acariciaram meus ouvidos nesse espaço de tempo?

Processos como este, parecem ser encarados de ânimo leve, mas se entregar a um mundo novo tem várias consequências que vão marcando nosso dia-a-dia. Eu sei que depois de me formar, depois de completar tudo na lista de coisas a serem feitas, quando eu voltar para meu cantinho favorito lá no bairro Tacumbú, perto do Carlos Antonio López, meu parque da infância, eu vou sentir saudades de paçoca que secava minha boca aos domingos, do mesmo jeito que senti saudade de beber o suco azedo dos pomelos ou de sentir o cheiro dos laranjais na calle palma e estrella. Vou sentir falta das caipirinhas do bar que fica perto da minha casa, do

mesmo jeito que senti falta de beber uma caña tres leones. Pequenas coisas viram importantes, são esses detalhes que vão articulando as memórias mais profundas de cada um de nós. O tempo que eu passei, e ainda estou desfrutando, aqui em Foz do Iguaçu, gera dentro de mim uma voragem de sentimentos inefáveis, complexos e deslumbrantes. Abrigar um novo idioma não tira nada que já esteja ocupando teu peito. Aprender novas canções, novas formas de elogiar aquela pessoa que te faz sentir feliz e novas maneiras de enfrentar a tristeza, a saudade e a insegurança só acrescenta. Ao mesmo tempo que você vai incorporando para si mesmo esses novos termos, você também começa a nomear coisas no teu interior que não tinham nome, a observar coisas que não eram vistas, novos tons de cinzas, novas notas musicais mais vibrantes.



Ivo Espínola Estigarribia
Estudiante.



UNILA PROEX

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

BOLETIM

KULTRUN

